

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

Dinorá: a inocência despedaçada no silêncio da tragédia

Robério Pereira Barreto*

RESUMO: Este artigo evidencia o erotismo no campo de violação do corpo feminino na literatura contemporânea de Dalton Trevisan. Aqui representada pelo conto *Dinorá, moça do prazer* (1997). A partir da exploração da subjetividade e a procura da identidade mais profunda dos personagens da narrativa, Trevisan faz de Dinorá a metonímia da sociedade brasileira atual e por meio de uma intertextualidade com Jonh Cleveland, ele nos aproxima de Fanny ao mostrar sua incursão primária às tentações dos ambientes luxuosos dos bordéis brasileiros do século XX. Na medida de seus atrativos, uma mulher está exposta ao desejo do homem. Com efeito, tem-se nessa narrativa uma presença significativa do silêncio que, faz parte da estética da ficção pós-moderna. Verifica-se isso no tom dramático que Dinorá usa para descrever os acontecimentos e o ambiente que a iniciaram no mundo do luxo e do prazer, deixando assim, vir à tona o seu espanto diante do *glamour* do salão, no qual viria acontecer à orgia de iniciação.

Palavras-chave: Silêncio; Prazer; Prostituição; Estética; Ficção contemporânea.

RESUMEN: Este artículo evidencia el erotismo en el campo de romperse del cuerpo femenino en la literatura contemporánea de Dalton Trevisan. Aquí representado por el cuento *Dinorá, joven del placer* (1997). A partir de la exploración de la subjetividad y de la búsqueda de la identidad más profunda de los personajes de la narrativa, Trevisan hace de Dinorá la metonímica de la sociedad brasileña actual y por medio de una intertextualidad con Jonh Cleveland, él nos presenta su incursión primaria a las tentaciones de los ambientes lujosos de los burdeles brasileños del siglo XX. En la medida sus atractivos, exhiben a una mujer al deseo del hombre. Con efecto, una presencia significativa del silencio se tiene en esta narrativa tan, es parte de la estética de la ficción después-moderna. Esto en el tono dramático que Dinorá utiliza describir los acontecimientos y se verifica el ambiente que lo había iniciado en el mundo del lujo y del placer, así yéndose, a continuación para venir al tona su asombro del encanto del pasillo, en el cual vendría suceder al orgía de la iniciación.

Palabra-clave: Silencio; Placer; Prostitución; Estético; Ficción contemporánea.

ABSTRACT: This article evidences the erotism in the field of breaking of the feminine body in literature Dalton contemporary Trevisan. Here represented for the *Dinorá story, young woman of the pleasure* (1997). From the exploration of the subjectivity and the search of the identity deepest of the personages of the narrative, Trevisan makes of Dinorá the metonymies of the current brazilian society and by means of a intertext with Jonh Cleveland, it in them it approaches to Fanny when showing its primary incursion to the temptations of environments luxurious of the brazilian brothels of century XX. In the measure of its attractive ones, a woman is displayed to the desire of the man. With effect, a significant presence of the silence is had in this narrative that is part of the aesthetic one of the after-modern fiction. This in the dramatically tone that Dinorá uses to describe the events and the environment is verified that had initiated it in the world of the luxury and the pleasure, thus leaving, to ahead come to evidence its astonishment of *glamour* of the hall, in which it would come to happen to the orgies of initiation.

* Professor de Linguística, Linguagens e Literatura e outras artes – DCHT – UNEB – Campus XVI – Irecê – BA.
e-mail: jpgbarreto@gmail.com.

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

Word-keys: Silence: Pleasure; Prostitution; Aesthetic; Fiction contemporary

*As formas imortais, claras e ufanas,
Da graça grega, da beleza pura,
Resplandem na Angélica brancura
Desse teu corpo de emoções profanas.¹*

A prostituição das personagens femininas de Dalton Trevisan não era uma das principais atenções de nossa investigação, porque visávamos à significação erótica do discurso existente na narração de seu romance *A Polaquinha*² (1985). No entanto, leituras e observações mais acuradas das obras do escritor curitibano nos levaram a dedicar um olhar mais imperativo à presença de tal tema nas suas outras produções [contos que, segundo alguns especialistas, foi o gênero no qual autor do *Vampiro de Curitiba* se destacou, levando o leitor para além da fruição].

Na ficção de Dalton Trevisan, sobretudo em *Dinorá, moça do prazer*³ há a presença de jovens que em virtude de uma série de problemas sociais são introduzidas à prostituição e que passam a servir aos caprichos sexuais de seus senhores. Em tal obra, o enredo discorre sobre a iniciação sexual de uma adolescente [Dinorá, que depois de ficar órfã é amparada por

¹ SOUZA, Cruz de. Corpo. In: *Poesias completas: Broqueis, faróis, últimos sonetos*. Rio de Janeiro, Ediouro, 1997, p. 137.

² Otto Lara Resende em um texto que acompanha a orelha deste livro – terceira edição, datada de 1985 -, diz que esta obra é uma narrativa longa, a qual ganha característica de romance. Entretanto, nela o escritor mantém “sua nota pessoal é imutável e está no texto cada vez mais cerrado.” Trevisan, ainda segundo o crítico literário, criou um universo próprio, que lhe pertence por direito de conquista e originalidade. Assim, se tornou autor singular. O escritor curitibano mostra-se insatisfeito, por isso seus textos são cada vez mais condensados na tentativa de expor a vida humana por meio de uma visão macroscópica e sem compaixão, as andanças que a vida propõe ao sujeito, mostrando lhe as culpas e castigos físicos e psicológicos.

³ Décimo segundo conto da obra *Cemitério de elefantes* de Dalton Trevisan, a qual é composta por vinte e três contos, sendo que o último texto é que dá o nome ao livro. Publicado pela editora Record 1997, este texto está na décima segunda edição.

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

Madame Ávila, que vai ensiná-la como fazer uso de sua beleza e pureza para torna-se uma dama da sociedade], só que para sobreviver nesse mundo ela tem que usar a ambigüidade e a dissimulação do corpo até o limite⁴.

Conforme já dissemos, é interessante notar que a exploração do corpo feminino é tema corrente na escrita trevisaneana, a qual deixa evidente para nós que a submissão da mulher ao fetiche do homem é um aspecto sócio-cultural, no qual o poder masculino⁵ instala-se devido às promessas de proteção e vida digna feita por homens e mulheres mais velhas as meninas. É nessa situação que Dinorá se encontra. Isso é percebido na fala da protagonista de *Dinorá, moça do prazer* quando se apresenta ao leitor:

NO ESTILO DE FANNY HILL⁶: Meu nome é Dinorá. Nascida em Curitiba, de pais pobres, mas honestíssimos, fui na infância ignorante do vício. Vítimas da gripe espanhola morreram os coitados mal entrara eu nos quinze anos. Fiquei só, sem parente que me advertisse das traições no caminho da jovem órfã. Condoída de tão triste sorte, uma venerável matrona assumiu graciosamente a minha proteção Madame Ávila⁷ contaria cinquenta anos, aparentava mais pelo abuso de banhos quentes. Antes me queria dama de companhia do que criada de servir e, se me revelasse boa menina, seria para mim verdadeira mãe. Gordas, casaco de pele em pleno verão, eu lhe invejava o vestido de púrpura, o chapéu de fita farfalhante, a pulseira dourada que tilintava no bracinho roliço.⁸⁹

⁴ Se tomarmos Dinorá sob a ótica foucaultiana veremos que, na verdade, há um processo de servidão em que a personagem é disciplinada para as práticas libidinosas de seus senhores.

⁵ De acordo com Foucault, em seu clássico *Microfísica do poder* (1979), entendemos que na sociedade contemporânea o poder tornou-se institucionalizado, sendo o corpo do Rei a representação física dele.

⁶ Conforme apresenta Eliane Robert Moraes no seu livro *O que é pornografia*, Fanny Hill é a heroína de uma das maiores obras-primas da literatura erótica ocidental. Escrita por John Cleveland em 1749, Fanny Hill, segundo argumenta Moraes, é também conhecida como *Memórias de uma mulher de prazer*. A qual, segundo consideram alguns moralistas de plantão, esta é a narrativa mais escandalosa de que se têm notícias. Entretanto, a pesquisadora nos assegura que em tal discurso literário não há absolutamente nada que comprove esta assertiva. “*Fanny Hill* não contém uma só palavra ou expressão obscena, do começo ao fim do livro. No entanto, a estudiosa deixa claro que, na verdade”, Há cenas de violência, sedução, homossexualidade, flagelação, das mais diferentes formas de contato sexual e até mesmo instruções para simular virgindade “. (Moraes, 1985, p. 31). Para melhor compreensão da questão posta aqui em discussão, fica como recomendação a leitura do texto de John Cleveland. *Fanny Hill*.

⁷ Para Tânia Regina Oliveira Ramos em *Literaturas de peso*. In: *Genealogias do silêncio: Feminismo e gênero*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2004. p. 157, essa personagem comporia *casting* das mocinhas de Gaby Hauptmann. “*As mocinhas* de Gaby Hauptmann têm perto de cinquenta anos e não estão preocupadas com dietas.”

⁸ TREVISAN, Dalton, 1997, pp.48.9).

⁹ Esta atitude, segundo Foucault é resultante de ações políticas direcionadas ao domínio do corpo por meio de controles extremamente pensados. Assim, nasce a Filantropia no século XIX, a qual assegura o estudioso francês dar-se a partir de “pessoas que vêm se ocupar da vida dos outros, de sua saúde, da alimentação, da moradia...”

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

É, portanto, a partir disso que os personagens masculinos da narração, na tentativa de manter seu estado de mando recorrem aos mais variados mecanismos de poder, tendo principalmente à persuasão econômica como instrumento de sedução¹⁰. E, por meio da oferta de bens materiais às suas vítimas é que eles conseguem a manipulação de suas mentes e corpos. Ficam ainda expostos nessa narrativa os ambientes onde acontecem essas seduções. São, portanto, casas acima de qualquer suspeita. Vejamos isso conforme o tom dramático que Dinorá usa para descrever os acontecimentos e o ambiente que a iniciaram no mundo do luxo e do prazer, deixando assim, vir à tona o seu espanto diante do *glamour* do salão, no qual viria acontecer à orgia¹¹ de iniciação.

Convidou-me uma noite – ah, terrível noite foi aquela! – para a festinha galante, espicaçando-me a curiosidade com a descrição do ambiente luxuoso e das finas maneiras dos convidados. No casarão, escondido de ciprestes, esperava-nos a uma das portas laterais o nosso anfitrião, a quem madame, entre mesuras, saudou a Excelência. Sem que deparássemos outro conviva, fomos introduzidas no salão discretamente mobiliado de uma mesa, algumas cadeiras, um canapé e uma cama de veludo encarnado, que mais parecia digna de uma rainha¹².

Sem querer fazer comparações, até porque esta não é a intenção desse trabalho, não foi possível deixar de lado alguns comentários a respeito das protagonistas Fanny e Dinorá uma vez que ambas narram suas experiências ao serem iniciadas no universo da prostituição. Segundo Eliane Moraes, *Fanny Hill* é uma narrativa contada pela heroína que dá nome a obra, que, por meio de grandes cartas narra suas experiências com diversos amantes e sua vida num bordel de luxo. Ainda segundo a pesquisadora, *Fanny* “termina casada com o homem que ama, desfrutando de um bom lugar na sociedade e gastando com ele a fortuna que ganhara na

(FOUCAULT, 1979, p. 150).

¹⁰ Essa palavra está sendo empregada aqui de acordo com sua etimologia, que significa tirar do caminho, desviar (*seducere*). Fato este comprovado nas ações de Madame Ávila, quando apresenta Dinorá a sua Excelência.

¹¹ Entendemos e, conseqüentemente, usamos a terminologia à maneira de Georges Bataille em seu clássico livro: *O erotismo*, quando este nos informa que “A orgia supõe, ela exige a equivalência dos participantes. Não somente a própria individualidade fica submersa no tumulto da orgia, mas cada participante nega a individualidade dos outros. Aparentemente, é a inteira supressão dos limites, mas não pode acontecer que nada sobreviva de uma diferença entre os seres à qual, por outro lado, está ligada a atração sexual.” (Bataille, 2004 pp. 201.2).

¹² TREVISAN, Dalton, 1997, pp.48.9.

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

sua antiga profissão”¹³. Já Dinorá, à maneira de Fanny nos mostra sua incursão primária às tentações dos ambientes luxuoso dos bordéis brasileiros do século XX.

[...] Após apresentação, madame alegou afazeres urgentes. Suplicou-me fizesse um pouco de sala a sua excelência e, conduzindo-me a um canto, perguntou se eu apreciaria como protetor tão bonito pedaço de homem. Acudi que não possuía dote e, além do mais, era muito jovem para casar. Madame retrucou que pretendia fazer a minha fortuna e, se o soubesse agradecer, seria elevada à categoria de grande dama e poderia escolher jóia, vestido, carruagem.¹⁴

Para Bataille (2004), historicamente a mulher é o objeto de erotização e de desejo do homem.

Elas *mulheres*¹⁵ se propõem como objetos ao desejo agressivo dos homens. Não existe uma prostituta em potencial em cada mulher, mas a prostituição é a conseqüência da atitude feminina. Na medida de seus atrativos, uma mulher está exposta ao desejo do homem. A menos que ela se resguarde inteiramente, por uma decisão de castidade, a questão é, em principio, a de saber a que preço, em que condições ela cederá. Mas, com as condições satisfeitas, ela sempre se dá como um objeto. A prostituição propriamente dita só introduz uma prática de venalidade. Pelo cuidado que ela dispensa a seus enfeites, pela preocupação que ela tem com sua beleza, que sua roupa realça, uma mulher se considera ela mesma um objeto, incessantemente oferecido à atenção dos homens. Da mesma maneira, se ela se desnuda, ela revela um objeto distinto ao desejo de um homem, individualmente proposto à apreciação.¹⁶

As afirmações do estudioso francês, certamente, nos levam à compreensão de que o erotismo¹⁷ é exposto como elemento de poder, deixando nas entrelinhas que o corpo feminino é instrumentalizado de significação erótica e, por isso, as prostitutas o usam de maneira a seduzir seus parceiros. “A prostituta é, com seu corpo real, a encarnação da mulher famélica de sexo, [...] prostituição nos mostra que há uma região do erotismo masculino

¹³ MORAES, Eliane, 1895, p. 33.

¹⁴ Idem, 1997, p. 49

¹⁵ Grifo nosso

¹⁶ BATAILLE, Georges, 2004, pp.203-4.

¹⁷ O étimo da palavra *erotismo* aponta para “Eros”, palavra de origem grega que significa “amor”. No entanto, “erotismo” prende-se muito mais ao sentido sexual da ligação amorosa que ao afetivo.” FRANCONI, R. A. *Erotismo e poder na ficção Brasileira contemporânea*.

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

totalmente estranha à mulher. Que não a interessa. Que ela aceita apenas por dinheiro, isto é, como atividade explicitamente não-erótica, profissional”¹⁸

As palavras de Alberoni corroboram para a compreensão do drama de Dinorá ao sentir-se seduzida pelas possibilidades de se tornar alguém com posse e *status* de dama da sociedade. “Montar-me-ia casa e permitiria que, sentada em esplendida carruagem, me exibisse pelas avenidas. Quem sabe até me fizesse duquesa! [...] Submissa aos seus caprichos, antes que madame regressasse, jurou que da cabeça aos pés cobrir-me-ia de jóias.”¹⁹

À moda de Foucault entendemos que as relações sexuais seguem além dos prazeres as hierarquias sociais, sendo que ao homem devido ao poder que lhe é atribuído na escala social, lhe facultam o direito de ser ativo e, conseqüentemente, manipular os desejos do corpo feminino, transformando o em escravo.

As práticas de prazer são refletidas através das mesmas categorias que o campo das rivalidades e das hierarquias sociais: analogias na estrutura agonística, nas oposições e diferenciações, nos valores atribuídos aos respectivos papéis dos parceiros. E pode-se compreender, a partir daí, que há no comportamento sexual, um papel que é intrinsecamente honroso e que é valorizado de pleno direito: é o que consiste em ser ativo, em dominar, em penetrar e em exercer, assim, a sua superioridade.²⁰

Tal exercício de poder se manifesta por meio de galanteios e intencionalidades que atingem diretamente o psicológico da futura vítima. Assim, foram as primeiras ações de sua *excelência* na tentativa de possuir seu objeto de desejo, conforme nos narra Dinorá.

Doces palavras com que acompanhava as carícias não eram suficientes para me tranquilizar. Os dedinhos grossos e cobertos de anéis titilavam-me a nuca, desfazendo os caracóis da loira cabeleira e – coro ao confessar – proporcionado-me os primeiros arrepios de prazer.

Ó Deus, tua carne é mais branca que a neve! Deixa, deixa, um beijinho só. Qual foi a minha surpresa ao reconhecer a chama da paixão na desgraçosa figura pelo revirar de olho, lânguido suspiro, respiração ofegante e calva em fogo. Tentando afasta-lo, queixei-me de ligeira enxaqueca. Cólera e desprezo eram impotentes diante daquele gladiador cego de luxaria.

¹⁸ ALBERONI, Francesco, 1986, p. 14.

¹⁹TREVISAN, Dalton, 1997, p. 50.

²⁰ FOUCAULT, Michel, 1994, p. 191.

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

Aproveitando-se da minha agitação, quis o monstro libidinoso desfrutar-me a concha dos lábios nacarados. Gritei que planejava minha ruína.²¹

Com efeito, Dinorá dá os primeiros sinais de que está muito próxima de ceder aos ataques imperativos de sua excelência, mostrando-se frágil diante de tudo o que havia tramado sua protetora, Madame Ávila. Seguindo o pensamento de Foucault (1994), sobre o objeto de prazer que se torna a jovem mulher diante dos olhares masculinos, entendemos que a iniciação de Dinorá ao mundo dos prazeres é a manutenção de uma cultura falocrática, na qual o homem conta além da força física com a passividade feminina diante de afagos e elogios. Não obstante, Foucault nos assegura: “No que diz respeito à passividade da mulher, ela marca muito bem uma inferioridade de natureza e de condição; mas ela não deve ser reprovada como conduta, posto que é, precisamente, conforme ao que a natureza quis e ao que o *status* impõe”.²²

Nesse sentido o poder de Dinorá se realiza e, conseqüentemente, se modaliza de erotismo em virtude dela pertencer a uma sociedade patriarcalista que, por sua vez está carregada de significado e de elementos simbólicos que controlam e inevitavelmente neutralizam o desejo feminino, posto que é formada para tanto.

O poder do feminino se encontra expresso nos mitos, dos pagãos aos cristãos; a Bíblia traz exemplos inesgotáveis da necessidade de regular, de “proteger” as mulheres e de se proteger contra elas, que silenciosas e passivas, ameaçam a ordenação e assepsia da humanidade, sobretudo durante a menstruação e a gravidez, estados considerados impuros e impróprios, que as remetem naturalmente à “conexão” erótica.²³

Como já dissemos, não é possível deixar de falar de violência, da qual será vítima a protagonista de narrativa em questão - *Dinorá, moca do prazer* -, pois é objeto de prazer e volúpia por parte daquele que a iniciará ao universo sexual. Usando de força, inclusive física, na tentativa de realizar seus impulsos eróticos, sua excelência transforma-se, e deixa vir à tona seu lado animal. Tal ato é comprovado no drama que a personagem apresenta. Embora demasiado logo entendemos que é importante citá-lo.

²¹ TREVISAN, Dalton, p. 51.

²² FOUCAULT, Michel. 1994,

²³ BRANCO, Lúcia Castello de. 1984, p. 14.

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

Tão comovida, teria desmaiado se duas lágrimas providenciais não aliviassem a aflição que me consumia. Abusando de minha inexperiência, rompeu o falso gentil-homem a preciosa mantilha de Granada que me cobria os ombros resplandecentes de alvura e conspurcava-os com seus olhares impuros. Encorajado por este prelúdio, avançou para mim – ai de mim! – que, possuída de terror, tombei de decúbito dorsal, tremula e palpitante sobre o canapé que ele escolhera para o nosso campo de batalha. Mãos postas, implorei que não me profanasse. (...) Meus grandes olhos verdes e cismadores, que lançavam lampejos, não intimidaram o velho corcel que tomara a brida nos dentes. Na confusão rompeu-se um alça do vestido de tafetá branco. Os cabelos esparsos – na luta eu perdera um sapatinho bordado em fio de ouro -, toda a encantadora desordem de minha pessoa excitavam a sua febre criminosa. Submissa aos seus caprichos, antes que madame regressasse, jurou que da cabeça aos pés cobrir-me-ia de jóias.²⁴

Eis que nesse contexto surge um misto de poder, flagelação e galanteios que, certamente, leva os envolvidos a uma relação de cumplicidade e satisfação erótica, sendo que ao homem – sua excelência – é relegado papel de dominador. Por isso, o marquês de Sade dizia: “Todo homem é um tirano na cama”.²⁵ E assim, tal atitude é “legítima” quando se trata de uma convivência sexual. Até porque o personagem masculino da trama é um cidadão da *polis*, conforme tratamento a ele dispensado por Dinorá e Madame Ávila, ”sua excelência” embora tratamento seja dispensado em letras minúsculas, o que pode subentender certo grau de ironia presente no discurso de cada uma.

A partir do momento em que a jovem personagem passa a compreender as circunstâncias em que foi submetida, conforme mencionamos no corpo desse texto, inicia seu processo de dissimulação visando atender suas necessidades individuais. Nesse ínterim percebemos que Dinorá não consegue mais se desvencilhar dos ataques e das carícias que recebe de sua “excelência”, vindo a sentir sensações e prazeres que até aquele instante eram

²⁴ TREVISAN, Dalton, 1994, p. 51.

²⁵ Essa afirmação é de Donatien-Alphonse-Francois, Marquês de Sade. Nasceu em 1740 em Paris e morreu em 1814, que segundo especialistas seus biógrafos terminou seus últimos dias num asilo de loucos onde esteve internado. Conforme asseguram Eliane Robert Moraes e Sandra Maria Lapiez, o maior crime, do qual Sade foi acusado e codenado “foi o estupro de uma mulher de trinta e oito anos de idade chamada Rose Keller, a quem açoitou com um ramo de árvore, fez várias incisões no seu corpo com um canivete e por fim colocou cera nas feridas.” Eis aí, segundo alguns estudiosos do assunto a origem dos termos sádico e sadismo.

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

desconhecidos, por isso está a um passo da aceitação, entretanto dissimulação. “- Ai, o senhor me perde. Antes a morte!”²⁶

Dessa maneira, nossa protagonista passa a compreender as intenções e as reações de seu corpo diante de tais ataques e, assim mostra-se cada vez mais acuada pelo “monstro” libidinoso que intenta contra sua honra.

Vencida a desconfiança inicial, passando a mão de leve no meu colo de brancura imaculada, produziu-me sensações estranhas que e perturbavam, se logo não escandalizassem. Doces palavras com que acompanhava as carícias não eram suficientes para me tranquilizar. Os dedinhos grossos e cobertos de anéis titilavam-me a nuca, desfazendo os caracóis da loira cabeleira e – coro ao confessar – proporcionando-me os primeiros arrepios de prazer²⁷.

Nessa passagem há uma descrição metafórica da iniciação sexual da protagonista. Para Bataille isso se deu porque Dinorá se tornou objeto de desejo de sua “excelência” a partir de atitudes de passividade por ela cometida. Ou seja, a personagem passa a experimentar de algo que não tinha – prazer- e por isso vai além. Embora continue achando deselegante sua “excelência”. Com efeito, ouvimos o que ela afirma sobre tal momento: “Qual foi minha surpresa ao reconhecer a chama da paixão na desgraciosa figura pelo revirar de olho, lânguido suspiro, respiração ofegante e calva em fogo.”²⁸ Depois disso, Ela é absorvida totalmente pelo ambiente. Em seguida lhe oferecem uma substância proibida, que a fará sentir atônita e não resistirá às investidas de sua excelência.

Empurrei-o violentamente, puxei o cordão da campainha, o criado correu pressuroso a receber as ordens de sua excelência. Quando soube o que era, ofereceu-me algumas gotas de amoníaco²⁹ para aspirar e retirou-se no mesmo instante. Depois desta prova, senti-me tão abatida, tão lânguida e enervada que não tinha ânimo de levantar o braço – estava à mercê do impiedoso carrasco.

²⁶ TREVISAN, Dalton, 1994, p. 51.

²⁷ TREVISAN, Dalton. 1994, p. 51.

²⁸ Idem, 1994, p. 51.

²⁹ Segundo Dicionário Globo, 1996, p. 42 trata de S.m. (quim.) Gás incolor, de cheiro irritante e sabor caustico. Formado pela combinação de um átomo de nitrogênio e três de hidrogênio; adj. O mesmo que amoniacal. (sin.: álcool volátil.) (Do gr. Ammoniakon.)

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

As palavras da personagem segundo os ensinamentos de Foucault são de “docilidade” que foi alcançada através de dispositivo nada convencional. Em outros termos, temos aí o famoso “boa noite Cinderela” que envolve a bela adolescente numa relação de submissão codificada, tendo assim, seu corpo transformado em objeto estático e permissivo.

O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica de poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina.”

Para Branco (1984) a presença de erotismo na cultura ocidental está ligada à exploração do físico. Entretanto, a religiosidade da civilização ocidental criou um modelo a ser seguido pelas mulheres, tomando a virgem que concebeu “sem pecado” como representação. O corpo feminino segundo os preceitos das ideologias cristãs é aprimorado nos moldes de docilidade, negando-se ao prazer. “Imaculado, inativo e impassível, o corpo, na ideologia cristã, é reduzido ao estado de *corpus* (cadáver, em latim), em seu eterno repouso e absoluta inércia³⁰”

É importante notarmos que estes aspectos filosóficos mencionados pela pesquisadora que citamos a pouco corroboram com o que Trevisan apresenta através do discurso direto da protagonista de *Dinorá, Moça do Prazer*. Portanto, temos que considerar que a ficção do pai do *Vampiro de Curitiba* pode ser classificada como neonaturalista, pois traz à baila através de seus personagens as temáticas que são, na verdade, a vida nas sociedades civilizadas. [homossexualismo, prostituição, a histeria, o alcoolismo, etc]. Nesse momento, priorizamos a prostituição dos corpos femininos que tem em Dinorá a sua representante.

Concluindo temporariamente, observamos que em *Dinorá, moça do prazer* Trevisan nos apresenta um retrato de uma sociedade que embora esteja vivendo temporal e espacialmente no contemporâneo, ainda utiliza paradigmas do século XVII. Vimos no decorrer da narrativa à exploração de uma jovem que foi vítima do destino e que sob a

³⁰ BRANCO, Lúcia. 1984, p. 48.

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

alegação da protegê-la Madame Ávila a prepara para atender os caprichos sexuais de figuras ignobéis e decadentes. Com efeito, podemos ver que a ficção do contista curitibano tem uma dimensão urbana, ou seja, os enredos de suas obras transitam entre o centro e a periferia de Curitiba e trazem em sua essência narrativa as pequenas tragédias que o cidadão comum da *polis* está sujeito diariamente. Entretanto, a correria pela sobrevivência o impede de percebê-la, deixando assim um espaço aberto para àqueles que detêm o poder praticarem as ações mais vis contra o desejo e corpo feminino.

Trevisan trabalha com as pequenas tragédias da vida moderna, e, por isso, sua obra vai além de padrões rígidos de criação literária. Portanto, o leitor incauto precisa se prepara para apreender a essência de sua ficção, pois, o autor apresenta em suas narrativas ambigüidades que; agradam, delicias e, principalmente, amedrontam porque busca dialogar com ele a partir de monólogos interiores, para os quais, na maioria das vezes, esse receptor pouco afeito a desnudar-se de paradigmas estabelecidos não tem estrutura para um desafio de tão grande envergadura.

Referências

- ALBERONI, Francesco. *O erotismo*. 5. ed. São Paulo: Rocco, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail. *O Freudismo*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- BATAILLE, Georges. *O erotismo*. São Paulo: Arx, 2003.
- BRANCO, Lúcia Castello. *O que é erotismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.
- BOCCALATO, Marisa Mikahil. *A invenção do erotismo*. São Paulo: Experimento, 1996.
- CABRAL, Juçara Teresinha. *A sexualidade no mundo ocidental*. Campinas: Papyrus, 1995.
- CHAUÍ, Marilena. *Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida*. 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- CASTELLO, José. Dalton Trevisa O manto do vampiro. In: _____, *Inventário das sombras*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- DAOLO, Jocimar. *Da cultura do corpo*. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

- FRANCONI, Rodolfo A. *Erotismo e Poder na ficção Brasileira Contemporânea*. São Paulo: Annablume, 1997.
- FOUCAULT, Michel. *Vontade de saber* (História da sexualidade I), 9. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- _____, *O uso dos prazeres* (História da sexualidade II), 9. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- _____, *O cuidado de si* (História da sexualidade III), 9. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- _____, *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. 28. ed. Petrópolis, Vozes, 1987.
- GIDDENS, Anthony. O Amor Romântico e Outras ligações. In: _____. *Sexualidade, amor e Erotismo nas sociedades*. São Paulo: UNESP, 1993.
- MILAN, Betty. *O que é amor*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- MONZANI, Roberto Luiz. *Desejo e prazer na idade moderna*. Campinas. Editora da UNICAMP, 1995.
- MORAES, Eliane Robert. *O que é pornografia*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- UCCI, Matt. *Erótico sagrado: o sexo transcendental*. São Paulo: PAULICÉIA, 1994.
- WALDMAN, Berta. *Do vampiro ao Cafageste: Uma leitura da Obra de Dalton Trevisan*. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, 1989.